

VAI COMEÇAR A SESSÃO

Sérgio Augusto

Vai começar a sessão

Ensaaios sobre cinema



Copyright © 2019 by Sérgio Augusto

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Violaine Cadinot

Foto de capa
Sunset Boulevard/ Corbis Historical/ Getty Images

Preparação
Julia Passos

Checagem
Érico Melo

Índice onomástico
Probo Poletti

Revisão
Clara Diament
Angela das Neves

Uma primeira versão desta coletânea saiu originalmente, e em formato digital, pela e-galáxia com o título *O colecionador de sombras* (2015). Para esta edição, foram incluídos mais textos.

Todas as crônicas deste livro foram publicadas originalmente no jornal *O Estado de S. Paulo*, exceto “O Bergman da Pauliceia” (*O Pasquim*21), “A catedral do faroeste” (*Florense*), “O ano em que a tela esticou” (*Florense*), “Uma ilha cercada de câmeras por todos os lados” (*Florense*), “Cantando pneu na tela” (*Florense*) e “O cinema de garfo e faca” (*Florense*), e estão dispostas em ordem cronológica.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Augusto, Sérgio

Vai começar a sessão : Ensaios sobre cinema / Sérgio Augusto.
– 1ª ed. – Rio de Janeiro : Objetiva, 2019.

ISBN 978-85-470-0099-8

1. Cinema 2. Crônicas brasileiras. I. Título.

19-31043

CDD-B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

*A meu mestre no ofício, Antonio Moniz Vianna (in memoriam).
E também a Ely Azeredo, que me fez crítico profissional, e ao editor
Tiago Ferro, o primeiro a acreditar nas possibilidades deste livro.*

Sumário

<i>Os prazeres do onívoro — Paulo Roberto Pires</i>	11
<i>Apresentação</i>	15
Sexo, mentiras e celuloide.....	17
Morrendo de amor ao som de Wagner.....	21
Uma dupla frustrada pela Guerra Fria	25
Hollywood é de direita ou apenas está certa?.....	29
No melodrama, Stahl era o tal	34
Como fomos tratados pela bíblia dos cinéfilos	38
Um fantasma na tela e outro na plateia	43
O verdadeiro Velho Oeste	47
A maior glória do cinema francês.....	51
Sonhos que um ingresso de cinema pode comprar	55
A Maria Callas da crítica de cinema	60
Quatro homens, uma jangada e um gênio.....	65
Como era bom (ou melhor, <i>good</i>) o nosso Cavalcanti	71
Um apocalipse como Zaratustra teria filmado.....	76
Dois escândalos políticos da época do suingue	82
Retratos literários de Los Angeles	88
As portas maliciosas de Lubitsch.....	93
O outro cidadão Kane	98
O bem e o mal que o cinema fez a Faulkner	103

O estilista sem estilo.....	108
O doce odor do sucesso.....	113
As vidas paralelas de Chaplin e Hitler	117
O cartunista da câmara e sua loura pneumática	121
O Bergman da Pauliceia	125
O favorito das multidões.....	130
O show que não podia parar um belo dia parou.....	134
O galã que sempre esteve do lado certo.....	139
Cuidado com a História que você vê no cinema.....	144
Volta ao mundo com dois birutas e uma sereia.....	149
O Evangelho segundo Hollywood	154
Os épicos de saioite e sandália	159
Vai começar a sessão, com o czar vermelho.....	164
As taras e os fantasmas do velho bruxo aragonês.....	168
O mestre de uma geração.....	172
As duas maiores divas da crítica americana.....	177
O triunfo da vontade de três arquitetos.....	182
Água e ouro no cinema brasileiro	187
Nossa memória preservada	192
O poeta que ensinou o brasileiro a ser feliz.....	197
O jovem deus da tela	202
O negócio dela não era só banana.....	207
Losey, Ulmer e as paranoias do pós-guerra.....	212
O menino aloprado	217
As últimas “verdades” sobre <i>It’s All True</i>	221
Quando Sabino tirou férias e foi filmar	226
O dia em que a Terra parou outra vez	231
Fazendo fita no fundo do quintal.....	236
A guerra dos paradigmas no “Boulevard do creme”	241
Aquele que sabia viver do riso.....	246
Os melhores filmes de 2008 dos últimos 86 anos.....	251
Hitchcock e as mulheres que sofriam demais	255
A cinefilia de Lévi-Strauss	259
O gosto pela beleza.....	263
O vício de Zeno.....	267
O doce anjo do sexo.....	270

O riso do diabo.....	275
A catedral do faroeste	278
Aquele jantar fatídico.....	283
Caça às bruxas.....	286
Hitchcov & Nabocock	289
O ano em que a tela esticou.....	292
Com o carimbo da suástica	296
Uma ilha cercada de câmeras por todos os lados	300
Vendido, Sam!.....	305
O colecionador de sombras	310
Cantando pneu na tela.....	315
Cinco tête-à-têtes	319
Por amor ao cinema.....	323
Os dois Lima Barreto	326
A propósito de Nice.....	329
E o Rio virou Cannes.....	333
O cinema de garfo e faca.....	337
Isabelle Huppert.....	342
Negro de ninguém.....	345
A oficina do diabo de James Baldwin	348
A oeste do Éden.....	351
Debate em transe.....	354
Conversa nada fiada	357
A mulher dos anos 70.....	360
Simplemente Callado	363
A queda do imperador Miramaxus	366
Os libertinos de Bullywood	369
A bela e o monstro	372
Homens de jornal	375
O <i>chienlit</i> de Godard e Truffaut	378
Tour vertiginoso	381
Miséria de vida.....	384
Batendo as botas.....	387
Stefan Zweig por Kubrick.....	390
<i>Índice onomástico</i>	393

Os prazeres do onívoro

Paulo Roberto Pires

Sérgio Augusto é, até onde sei, o único filho intelectual de um estranho casal formado pelo *Cahiers du Cinéma* e a *The New Yorker*. Quem é o pai ou a mãe não faz diferença, já que puxou a ambos. Do lado francês, trouxe o culto ao cinema como uma mistura singular de razão e sensibilidade, um olho na peripécia intelectual, outro no prazer inegociável da sala escura. Dos parentes americanos, herdou a tradição de um tipo de ensaísmo jornalístico que combina clareza e sofisticação com uma assombrosa capacidade de processar referências — daí o apelido *Sérgio Augoogle*, que lhe foi dado por Millôr Fernandes — e um invulgar talento para recombina-las.

Produzidos durante os anos 2000 e 2010, os quase noventa textos aqui reunidos dão conta da produção mais recente de uma carreira de mais de cinco décadas escrevendo o melhor jornalismo de sua época, da imprensa mainstream aos momentos heroicos e decisivos do *Opinião* e do *Pasquim*. Este livro não é, portanto, o diário do crítico militante que acompanhava, com entusiasmo e ressalvas essenciais, o intenso movimento cinematográfico entre as décadas de 1960 e 1980. O Sérgio Augusto de *Vai começar a sessão* é um fino e depurado estilista que escreve a partir de filmes e histórias, sem dar pelota para o que ele chama, ao comentar Éric Rohmer, de a “estreita visão do cinema como centro do mundo, prisma exclusivo do universo, vetor de todas as artes”.

Assim arrumados, estes ensaios são ainda uma espécie de autobiografia intelectual e sentimental do jovem que, ao ler uma crítica de Moniz Vianna,

decidiu: “‘É isto que eu quero ser na vida’. Ou seja, ser capaz de assistir a um filme e depois escrever uma porção de coisas inteligentes a seu respeito”. Um projeto que, como se viu e verá aqui, saiu melhor do que a encomenda.

Dispersos entre filmes e livros estão instantes decisivos da vida de um cinéfilo: a descoberta dos encantos da ficha técnica de um filme, os festivais pedagógicos de clássicos num Brasil ainda longe do mundo, a epifania do momento exato em que, na Cinemateca do MAM, no Rio, botou olhos e mãos pela primeira vez num *Cahiers du Cinéma*. E, é claro, lembranças de tudo o que aconteceu a partir daí, dos encontros com Jerry Lewis, François Truffaut e William Wyler, da participação ativa no cinema novo e da peregrinação a “lugares santos” da sétima arte.

Diferentemente de muitos de seus colegas cariocas e franceses, Sérgio jamais teve a tentação de passar da teoria à prática, de cumprir o destino do crítico-cineasta tão recorrente em sua geração. Ainda bem. Embrenhado em roteiros, câmeras e claquetes talvez não tivesse tempo de ler biografias de Stálin e Thomas Mann para destacar a relação dos dois com o cinema, quem sabe lhe faltariam as referências para uma brevíssima e fundamental história do cigarro nas telas ou sequer se lembrasse da entrevista em que Claude Lévi-Strauss se declarava fã de *Férias de amor*. Tudo isso matéria de alguns dos grandes momentos aqui reunidos.

Que não se confunda essa combinação de níveis de cultura com mero capricho eclético. Sérgio é, realmente, um espectador onívoro que vai do tiro-porrada-e-bomba de *Duro de matar 4.0* à análise das muitas cenas em que Jean-Luc Godard faz seus atores aparecerem mergulhados em livros. É difícil, no entanto, defini-lo como simplesmente idiossincrático e impossível atribuir a ele qualquer tipo de condescendência estética. Seu olhar sobre os filmes é, antes de mais nada, uma panorâmica que leva em conta o que se passa na tela (muita gente boa passa por cima deste “detalhe” quando escreve sobre cinema) e, também ou sobretudo, fora dela.

Esqueça, portanto, qualquer tipo de jargão. O que dispara seu pensamento — e logo engatilha o nosso — são associações mais do que originais entre diferentes domínios. Rohmer, por exemplo, é o “Diderot da câmera”. Pauline Kael, sua deusa da crítica, soa meio Maria Callas, meio bebop. Susan Sontag, a quem é não menos devotado, é cool jazz. Em William Wyler, que encontrou por acaso em Ouro Preto no meio de uma viagem que fazia com Millôr, via

uma mise-en-scène “jansenista”. O filme noir tem direito a “femme fatale, boate, brumas, troca de identidades, carros ominosos e aquelas fatalidades que às vezes aproximam o gênero das tragédias de Shakespeare e das danações de Dostoiévski”. James Dean? “Um rebelde pós-existencialista, um filho bastardo (e beatnik) de Albert Camus, que, não custa lembrar, também morreu ‘on the road’.”

Isto é Sérgio Augusto em estado puro, ou melhor, em estado necessariamente impuro. Rigidamente indisciplinado, o que ele gosta mesmo é de pular do cinema para a literatura, dali para a filosofia, para o futebol, para a arte ou simplesmente deliciar com um caso bem contado. No meio desta longa conversa — todo ensaio que vale a pena é uma conversa e aqui há dezenas delas, das que valem a pena —, aparecem parágrafos como o que segue aqui, de assombrosa beleza e delicadeza e que, ainda, resume bem o espírito deste livro:

Para ser realmente geral e completa, a história do cinema precisaria ter o registro dos bilhões de filmes fantasiados pela mente de bilhões de crianças do mundo inteiro, nas últimas oito ou nove décadas. Obras de projeção sem projetor, momentos evanescentes sem registro material, nenhuma cinemateca os conserva. Pena, pois eles dão conta do poder encantatório do cinema em estado puro, da introjeção de seu imaginário, de sua mitologia, quando não atestam uma precoce vocação para brincar à vera de fazer cinema.

Era Paulo Emílio Salles Gomes quem gostava de se dizer um “coleccionador de sombras”, epíteto que parece perfeito para Sérgio Augusto. Talvez porque a definição, que remete tanto à energia juvenil do colecionismo quanto a uma beleza crepuscular e bem refletida, só possa mesmo se aplicar a personagens deste tamanho e desta importância.

P.S.: Em dado momento, Sérgio Augusto conta que mal dormiu quando, ainda jovem, foi citado por Moniz Vianna numa coluna. O que ele não sabe, e conto agora, é que, há muito tempo, eu mal dormi depois de receber, na redação em que trabalhava, um telefonema dele — que me ligava para se solidarizar no meio de uma polêmica em que inadvertidamente me envolvi. É que eu tinha passado os anos 1980, quando estudava, querendo ser Sérgio Augusto quando crescesse. Acho mesmo que não cheguei lá, mas está mais do que bom ter chegado a este prefácio e, também, ao privilégio de tantas risadas e conversas compartilhadas.

Apresentação

Comecei a escrever sobre cinema ali por volta dos quinze anos, no jornal *A Chama*, do Grêmio Literário e Esportivo do Colégio Pedro II. Textos seguramente tenebrosos, que tive o bom senso de não guardar. Ainda como amador, porém dois anos mais velho, dividi com o futuro cineasta David E. (de Eulálio) Neves a cobertura de cinema de *O Metropolitano*, semanário da União Metropolitana de Estudantes do Rio de Janeiro, que, por sair encartado na edição dominical do *Diário de Notícias*, desfrutava de circulação nacional e atraía às suas páginas colaboradores de outros estados, como Glauber Rocha, por exemplo, que então vivia na Bahia.

Dessa fase, guardei quase todos os recortes, mas ainda dá tempo de incinerá-los. Em *O Metropolitano*, onde o então futuro cineasta Cacá Diegues me ensinou o básico de uma reportagem, debutei como crítico com um apanhado do gênero western, a partir de *Onde começa o inferno* (Rio Bravo), de Howard Hawks, que, se não me falha a memória, chegou ao final de 1960 no topo da minha lista de “melhores do ano”, uma heresia para os que encimaram as suas com Fellini (*A doce vida*) e Alain Resnais (*Hiroshima meu amor*).

Generosamente acolhido por Ely Azeredo, aproximei-me do profissionalismo na *Tribuna da Imprensa*, e, em seguida, confiscado por meu guru, Antonio Moniz Vianna, fui para o *Correio da Manhã*, em cuja redação trabalhei quatro anos, inclusive como editor, até me transferir para o *Jornal do Brasil*. Lá, fui redator e só uma vez por semana, em média, assinei artigos e reportagens sobre cinema.

Dali em diante tornei-me, quando muito, um crítico semanal, em publicações de grande porte (*O Cruzeiro, Fatos & Fotos, Veja, IstoÉ*), alternativas (*O Pasquim, Opinião*), até voltar para a imprensa diária, no início dos anos 1980, na *Folha de S.Paulo*, onde permaneci quinze anos, como de hábito me aventurando em outras esferas da cultura, mas com frequência lidando com cinema. Naquele período, publiquei meu primeiro livro, *Este mundo é um pandeiro* (Companhia das Letras), estudo pioneiro sobre a chanchada, que foi o que de mais cativante e popular o cinema brasileiro produziu nos anos 1940 e 1950 do século passado.

Desde março de 1996 escrevo semanalmente no Caderno 2 e no suplemento dominical *Aliás*, ambos do *Estado de S. Paulo*, raras vezes — e cada vez menos — sobre filmes e outras instâncias cinematográficas, mais por desinteresse do que por qualquer outro motivo menos prosaico. Ainda assim desconfio que escrevi até demais nos últimos anos. Outras divagações sobre cinema publiquei na revista *Bravo!*, entre 1997 e 2005, já coligidas nas coletâneas *Lado B* e *As penas do ofício*.

Quando me cobram uma compilação de artigos sobre cinema, “desde os tempos do *Correio da Manhã*”, saio pela tangente: preguiça de reler pilhas e mais pilhas de recortes, vergonha das muitas asneiras que publiquei (e por isso precisam ser esquecidas), e uma incômoda sensação de mofo e obsolescência. Claro que há exceções, críticas que ainda me parecem legíveis, pertinentes e até expressivas — ao menos da sensibilidade ou do etos cultural da época em que foram escritas; quem sabe um dia as reúno numa coletânea com maior amplitude do que esta, pinçando o melhor (ou o menos embaraçoso) de todos os veículos com os quais colaborei.

Por ora, fiquemos com esta recolha de textos publicados neste século, período escolhido sobretudo por estar mais próximo de nós, com referências mais frescas e acessíveis. Espero que sua leitura ainda forneça algumas informações úteis, algumas observações proveitosas e, principalmente, desperte algum tipo de prazer. Dos 89 textos aqui enfeixados, 83 foram publicados no *Estado de S. Paulo*. Tentei reproduzi-los o mais próximo de sua forma original, para que melhor se avaliem as circunstâncias em que foram pautados e produzidos, mas não resisti à tentação de substituir alguns títulos por outros menos insossos e certas palavras que hoje me soam imprecisas, inadequadas ou apenas desagradáveis.

Agora desliguem seus celulares, que vai começar a sessão.

Sexo, mentiras e celuloide

O Estado de S. Paulo, 13 jan. 2001

Na capa, três poderosas mulheres da tela — Tallulah Bankhead, Marlene Dietrich e Greta Garbo — encimando um título (*The Girls*), que seria irremediavelmente insípido se desacompanhado deste provocante subtítulo: *Sappho Goes to Hollywood*. Sim, aparentemente, é mais um livro de grandes fofocas, recém-lançado nos Estados Unidos pela St. Martin's Press, mas que, além de cumprir o que anuncia (falar das atrizes que acendiam incenso no altar de Safo em Hollywood nos anos 1930 a 1940), mergulha o leitor numa inacreditável intriga internacional, com lances de chantagem, espionagem, dissimulações — e muito sexo, naturalmente. Garbo e Marlene são, e não apenas por seus quilates, as garotas com maior presença nas mais de quatrocentas páginas escritas pela jornalista Diana McLellan.

O destaque dado a Tallulah deve-se à sua insaciável ninfomania (“ela buscava o sexo de todo tipo, avidamente e sem reservas”, informa Diana) e à sua alucinada paixão por Garbo. Uma das atrizes mais afetadas da ribalta e da tela, cuja aparição cinematográfica mais acessível ao público brasileiro é aquele tour de force de Hitchcock, *Um barco e nove destinos*, Tallulah não virou folclore na Broadway e em Hollywood apenas por seus ademanes e pela maneira inconfundível como pronunciava certas palavras (seu “darling”, ou melhor, “daaahling” saía sempre polissílabo de sua boca), mas também por não livrar a cara de nenhuma atriz que preenchesse alguma de suas fantasias sexuais.

Colegas que habitualmente encarnavam garçonetes e empregadas domésticas a levavam à loucura. Seu caso com Patsy Kelly, que cansou de entrar em cena envergando um avental, só não causou mais espanto nos esconsos sáficos de Hollywood que suas transas com Hattie McDaniel, aquele breve contra a luxúria que entrou para a história como a primeira atriz negra a ganhar um Oscar por sua performance em ... *E o vento levou* — fazendo o papel da criada de Scarlett O'Hara.

Tallulah se derretia por Garbo, mas foi a outra ninfa que a esfinge sueca se entregou. Eis a primeira novidade de *The Girls*: Marlene e Garbo não só se encontraram pessoalmente como compartilharam o mesmo fruto proibido. As duas sempre afirmaram que jamais estiveram juntas. Tudo mentira, tudo combinado. Na base da chantagem.

Pesquisando durante cinco anos todas as cartas, memórias e diários em que pôde meter o bedelho, mais documentos, vários sigilosos, do governo americano, Diana, também municiada por inconfidências de amigos e contemporâneos de suas *girls*, descobriu que Marlene seduziu Garbo durante as filmagens de *Rua das lágrimas*, rodado em Berlim pelo alemão Georg W. Pabst, em 1925. A então recatada e ingênua sueca de dezenove anos não teria resistido aos encantos e à lábia da rechonchuda e então morena alemã, que aos 23 anos já era uma devoradora de homens e mulheres nos bastidores do show business berlinense. E, menos ainda, ao trauma do súbito descarte de que foi vítima quando a volúvel Marlene teve outro coup de foudre. Para Diana, as raízes da neurótica reclusão de Garbo e o prematuro fim de sua carreira no cinema estão todos fincados nesse affair mal resolvido.

Segredos excitantes. Era assim que Garbo chamava seus casos homossexuais, informa Diana na abertura do primeiro capítulo de seu livro. Sem rufar tambores. Afinal, há tempos — desde, pelo menos, o início dos anos 1970, quando Kenneth Anger abriu todos os armários da capital do cinema em *Hollywood Babylon* — que o bissexualismo da estrela de *Ninotchka* virou segredo de polichinelo. O poeta e escritor polonês Antoni Gronowicz ouviu dela confidências reveladoras e pôs tudo em *Garbo: Uma biografia não autorizada*, escrita em 1976, trancafiada nos cofres da editora nova-iorquina Simon & Schuster até a morte da atriz, em 1990, e traduzida entre nós, um ano depois, pela Record.

Foi Gronowicz, amigo e confidente de Garbo durante vinte anos, quem deu publicidade ao affair dela com a poeta, teatróloga e roteirista Mercedes

de Acosta. Dominatrix miúda, inteligente e muito elegante, com ela Garbo descobriu até o vegetarianismo. Conheceram-se em 1934, pouco depois da morte da comediante Marie Dressler. Apesar de medonha, gorda e já idosa, quando conheceu Garbo nos estúdios da Metro, Dressler não teve dificuldades para atrair a bela sueca para o seu redil.

Diana dá mais detalhes sobre a movimentação de Mercedes nas sendas teatrais e cinematográficas. Passou pelos braços da atriz russa Alla Nazimova (que também foi amante da dançarina Natasha Rambova e da líder anarquista Emma Goldman) antes de se mandar para Hollywood em 1931, com uma ideia fixa na cabeça: conquistar Garbo. Depois de Garbo foi a vez de Marlene.

“*Sewing circle*.” Era com esse eufemismo (literalmente, círculo social que se reúne para costurar roupas para fins beneficentes, sinônimo de mutirão) que Marlene e suas amigas denominavam as participantes das tertúlias femininas comandadas pela atriz alemã em que tudo podia acontecer depois do almoço e do tricô verbal que o precedia. Tudo, inclusive nada do que você está pensando. As reuniões se davam sob os mais glamorosos tetos de Hollywood e muitas vezes eram recepcionadas por sólidos casais heterossexuais, como, por exemplo, Dolores del Río e o chefe do departamento de arte da Metro Cedric Gibbons. Kenneth Anger já registrara a existência desse círculo, assim como a abrasadora relação de Marlene com Claudette Colbert e Lili Damita. *The Girls* vai bem mais fundo e longe na história dessa coterie instituída no mesmo período (início dos anos 1930) em que Marlene passou a usar roupas masculinas, na tela e ao ar livre.

Garbo não pertencia ao círculo. Havia um pacto de não aproximação entre as duas. Quando a atriz e roteirista Salka Viertel, mulher do cineasta austríaco Berthold Viertel, convidava Garbo para as festas que volta e meia oferecia aos europeus exilados em Hollywood, Marlene não comparecia. Esse arreglo foi urdido quando Marlene chegou a Hollywood.

Temendo que ela fosse abrir o bico sobre o que se passara nas filmagens de *Rua das lágrimas*, Garbo se socorreu ao savoir-faire de Salka, que se tornara sua protetora e amante. Além de saber fazer, Salka sabia de coisas que poderiam encalacrar a vida da recém-chegada descoberta de Josef von Sternberg. Foi ela quem urdiu toda a chantagem preventiva, objetivando silenciar Marlene e mantê-la afastada para todo o sempre de Garbo, pois tampouco queria correr o risco de uma recaída de sua protegida. Para evitar surpresas cuidou de

aproximar Marlene de Mercedes de Acosta, e ambas lhe ficaram agradecidas. Conseguir o silêncio de Marlene foi ainda menos complicado.

Salka e Berthold eram íntimos de Marlene desde o começo dos anos 1920. Faziam parte do mesmo círculo teatral berlinense dominado pelos comunistas. Só eles sabiam da existência de um enigmático sujeito chamado Otto Katz na vida da atriz. Oficialmente ela era casada com Rudi Sieber, Katz era seu “marido secreto” — e, possivelmente, o verdadeiro pai de sua filha Maria. Diana estranha que nenhum biógrafo da atriz tenha seguido as pegadas desse personagem: espião russo, a serviço do Comintern, com várias identidades e múltiplos endereços.

Apoiado por Stálin, Katz desembarcou nos Estados Unidos em março de 1935, munido de um pseudônimo (Rudolph Breda) e com a missão de criar e controlar a Liga Antinazista Americana. Se descobrissem suas ligações com Marlene, a carreira da atriz ficaria seriamente ameaçada. Chantageá-la não foi, portanto, tarefa das mais difíceis. A atriz chegou a persuadir os produtores de *Rua das lágrimas* a cortar várias cenas em que ela aparecia, inclusive uma em que Garbo desmaiava em seus braços. Diana conseguiu uma rara cópia do filme, com todas as cenas originais, nos arquivos da Biblioteca do Congresso, em Washington.

Encontrei vestígio da passagem de Katz pela América no cartapácio de Eric Bentley sobre os processos macarthistas, *Thirty Years of Treason* [Trinta anos de traição], no qual o agente também aparece identificado como André Simone. Bentley não faz qualquer referência a Marlene, é claro; o silêncio em torno da intimidade entre a atriz e Katz (que Diana diz ter inspirado o personagem de Víctor Laszlo em *Casablanca*) jamais foi quebrado. Nem sequer pelo FBI, cujo chefe, J. Edgar Hoover, também fez um acordo com a atriz, que, em troca muito se esfalfou pelo sucesso da causa aliada.

Diana jura que não escreveu *The Girls* para épater e difamar defuntos.

Meu objetivo não era entregar minhas garotas — a quem aprendi a estimar —, mas entender suas cabeças, suas vidas, e o tempo e o contexto social, sexual, teatral, político e cinematográfico em que viveram. [...] Fiz menos um livro sobre o lesbianismo de algumas estrelas do que sobre o muro de mentira por elas erguido para se proteger até mesmo do moralismo então vigente em Hollywood. Ver esse muro começar a desabar foi uma aventura tão excitante para mim quanto a abertura da tumba de um faraó.